



SALVAGUARDA



RESOLUÇÃO COMENTADA

A

C

B

D

E



Resolução comentada da lista de agosto - filosofia

χαλεπὰ τὰ καλὰ – “O belo é difícil”.

Provérbio encontrado no texto *Hípias Maior* de Platão (304e¹).

1. (UEG 2022) René Descartes (1596-1650), filósofo e matemático francês, é um dos inauguradores da filosofia moderna. Sua concepção integra o movimento de filósofos que promovem a emergência do racionalismo. Descartes desenvolve um método de análise que forneceria os fundamentos do pensamento que prevaleceria na modernidade, que consiste no ceticismo metódico.

Com esse método, Descartes:

A. cria uma nova interpretação da teologia com o objetivo de reforçar o catolicismo.

B. fornece as bases para o desenvolvimento de explicações fundadas no senso comum.

C. vê na dúvida o meio de se chegar à verdade, daí emerge sua máxima “penso, logo existo”.

→ Como fala o enunciado, o método aplicado por Descartes consiste na aplicação do chamado ceticismo metódico, isto é, a atitude a partir da qual, de início, se põe de lado tudo aquilo que pode ser duvidado. Dessa forma, Descartes afirma que seus sentidos (sua visão, audição, etc.) já lhe enganaram, de modo que, através da dúvida metódica, põe o mundo físico percebido por esses sentidos em suspenso; entretanto, de todas as dúvidas que ele pôde ter, que assim ele duvidava não poderia ser uma delas, assim, o fato de duvidar das coisas incertas prova a existência do sujeito questionador, de onde sua máxima: “penso, logo existo”.

D. oferece elementos para a retomada da mitologia como forma de explicar a realidade.

E. faz emergir o irracionalismo que se tornou a base do pensamento pós-moderno.

2. (UNESP 2021) Texto

¹ Essa é a paginação de Stephanus, usada para citar os textos de Platão. Se tiver interesse, confira a página 9 do livro *Platão* de Julia Annas.

Nos últimos tempos, reservou-se (e, com isso, popularizou-se) o termo fake news para designar os relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir.

(Wilson S. Gomes e Tatiana Dourado. “Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia”. Estudos em Jornalismo e Mídia, no 2, vol. 16, 2019.)

Texto

As vacinas foram os principais alvos de fake news entre todas as publicações monitoradas pelo Ministério da Saúde em 2018. Cerca de 90% dos focos de mentiras identificados pelo órgão tinham como alvo a vacinação. Reconhecido internacionalmente, o programa de imunização brasileiro viu doenças como sarampo e poliomielite voltarem a ameaçar o país em 2018 após os índices de cobertura vacinal caírem em 2017.

(Fabiana Cambricoli. “Ministério da Saúde identifica 185 focos de fake news e reforça campanhas”. <https://saude.estadao.com.br>, 20.09.2018. Adaptado.)

Os textos tratam de uma prática que é contrária ao princípio da fundamentação racional sustentado por Descartes, que propôs a

Comentário: Essa não é somente uma questão de interpretação de texto. Para resposta a essa questão sobre Descartes, é preciso ter conhecimentos gerais sobre esse filósofo, como a importância da dúvida para a construção do conhecimento.

A. busca por um conhecimento seguro proveniente do ato de duvidar.

B. construção da compreensão a partir da lógica dialética.

→ Falsa. Em Descartes, não se fala em lógica dialética.

C. eliminação da subjetividade na produção do conhecimento.

→ Falso. É característico do pensamento de Descartes a dúvida metódica.

D. fundamentação das certezas a partir da experiência sensível.

→ Falso. A fundamentação das certezas a partir da experiência sensível é característica do empirismo. Descartes é um racionalista.

E. percepção da realidade por meio da associação entre fé e razão.

→ Falso. A percepção da realidade por meio da associação entre fé e razão é característica da filosofia medieval. Descartes está, didaticamente, na filosofia moderna.

3. (UFU 2020) René Descartes (1596–1650) pode ser considerado o pai da filosofia moderna, pois, em vários aspectos, permitiu uma visão crítica da filosofia medieval, especialmente no que se referia à possibilidade do conhecimento da natureza. Seu livro *O discurso do método* é um marco para esse ponto de virada filosófica e coloca, em destaque, a importância da dúvida metódica para a investigação científica.

Nesse sentido, essa dúvida cartesiana implicava

A. exercitar o método, obter e aceitar apenas ideias claras e distintas.

→ Descartes fala que para alcançar a verdade, é necessário primeiramente remover todas as incertezas. A dúvida metódica estabelece um método rigoroso para alcançar certezas inabaláveis, baseando-se na razão e no pensamento crítico, gerando uma fundamentação clara e distinta do conhecimento.

B. duvidar de tudo, exceto das verdades da fé cristã já estabelecidas.

C. aceitar os conceitos da filosofia tomista como verdades absolutas.

D. só aceitar como indubitáveis as certezas que vierem dos sentidos.

4. (UFMS 2019) Leia atentamente o texto a seguir:

“Neste ponto, o filósofo compreendeu que havia uma crença da qual ele não podia duvidar: a crença na própria existência. Cada um de nós pensa ou diz: ‘Sou, existo’– e, enquanto pensamos ou dizemos isso, não podemos estar errados. Quando o filósofo tentou aplicar o teste do gênio maligno a sua crença, percebeu que o gênio só podia levá-lo a acreditar que ele existe se ele, o próprio filósofo, de fato existir– como ele poderia duvidar da própria existência, se é preciso existir para ter dúvida?

O axioma ‘Eu sou, eu existo’ constitui a primeira certeza desse filósofo. Em sua obra anterior, *Discurso sobre o método*, ele a apresentou como ‘Penso, logo existo’, mas abandonou a frase ao escrever suas *Meditações*, pois o uso de ‘logo’ leva a afirmação a ser lida como premissa e conclusão. O filósofo queria que o leitor– o ‘eu’ que medita percebesse que, assim que considero o fato de que existo, sei que isso é verdadeiro. Tal verdade é instantaneamente apreendida. A percepção de que existo é uma intuição direta, não a conclusão de um argumento.”

(Vários colaboradores. *O livro da Filosofia*. Tradução Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011. p. 120. Adaptado).

O texto desse enunciado exprime uma vertente do pensamento racionalista de um importante filósofo ocidental. Assinale a alternativa correta que apresenta o filósofo racionalista autor das reflexões apresentadas.

A. Nicolau Maquiavel.

→ Incorreta. Nicolau Maquiavel (1469-1527), escritor da obra “O Príncipe”, foi um importante filósofo político ocidental do século XV.

B. São Tomás de Aquino.

→ Incorreta. São Tomás de Aquino (1225-1274) fez parte do movimento da escolástica, no período da Filosofia Medieval, e foi um importante teólogo cristão.

C. René Descartes.

→ Correta. O “racionalismo” é entendido como um movimento possuidor de diferentes doutrinas filosóficas do período da Filosofia Moderna, e tem como expoentes filósofos como René Descartes, Baruch Espinoza e Gottfried Leibniz. Pode ser entendido, em suma, como a sustentação de que a mente humana possui em si mesma a chave para a compreensão da estrutura da realidade última: a razão (ou ratio, em latim). Desta forma, o exercício feito por Descartes em sua obra “Meditações Metafísicas” consiste em encontrar, a partir do método da dúvida radical e despiando-se de seus pré-conceitos, paixões e outros “desvios”, certezas resultantes do conhecimento indubitável construído sistematicamente pelo exercício racionalista, chegando, entre outras, à máxima “cogito, ergo sum” (penso, logo existo).

D. Voltaire.

→ Incorreta. François-Marie Arouet (1694-1778) foi um filósofo iluminista polêmico do século XVIII, crítico do absolutismo, da censura e defensor das liberdades civis, impactando grandemente a Revolução Francesa. Ficou conhecido pelo pseudônimo Voltaire.

E. Immanuel Kant.

→ Immanuel Kant (1724-1804) foi um filósofo alemão do período da Filosofia Moderna que desenvolveu sistemas filosóficos completos, sendo responsável pela chamada “Revolução Copernicana” na Filosofia, com grandes contribuições ao desenvolvimento moderno da epistemologia, da ética e da estética.

5. (ENEM 2015) Após ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.

DESCARTES, R. Meditações. Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

A proposição “eu sou, eu existo” corresponde a um dos momentos mais importantes na ruptura da filosofia do século XVII com os padrões da reflexão medieval, por

A. Estabelecer o ceticismo como opção legítima.

→ Incorreta. O ceticismo filosófico teve origem no helenismo e, no século XVIII, foi recuperado pelos filósofos Montaigne e David Hume, consistindo no questionamento

da possibilidade de se alcançar conhecimento verdadeiro ou certeza absoluta sobre qualquer coisa.

B. Utilizar silogismos linguísticos como prova ontológica.

→ Incorreta. Sendo um padrão medieval de reflexão filosófica, neste tipo de argumento a validade da conclusão depende da precisão e da consistência das definições e das inferências lógicas, usado com o intuito de comprovar a existência de algo sem a utilização de métodos empíricos, como as tentativas da comprovação da existência de Deus de teólogos medievais.

C. Inaugurar a posição teórica conhecida como empirismo.

→ Incorreta. Em contraste com o racionalismo, o empirismo é um movimento filosófico que afirma que o conhecimento humano deriva de experiências sensoriais.

D. Estabelecer um princípio indubitável para o conhecimento.

→ Correta. A proposição “eu sou, eu existo”, de René Descartes, corresponde a um dos momentos mais importantes na ruptura da Filosofia Moderna com os padrões de reflexão medieval, pois estabelece um princípio indubitável para o conhecimento resultante de um exame racionalista radical, independente de percepções sensoriais, ideias ou crenças.

E. Questionar a relação entre a filosofia e o tema da existência de Deus.

→ Incorreta. A Filosofia Medieval é reconhecida pela conciliação entre razão e fé, desenvolvendo doutrinas teológicas durante todo o seu período. René Descartes, apesar de se preocupar em questionar a existência de Deus, não rompe com os padrões de reflexão medieval, integrando a fé à razão ao apontar a primeira como a base para o conhecimento e a validade das percepções e raciocínios humanos.

6. (UFU) De acordo com a filosofia de Hegel, é INCORRETO afirmar que

A. A dialética envolve um diálogo entre dois pensadores ou entre um pensador e o seu objeto de estudo.

→ Pois a dialética de Hegel não se trata de um diálogo entre o pensador e seu projeto filosófico, mas sim entre dois projetos filosóficos opostos.

B. A dialética envolve três etapas: na primeira delas, um ou mais conceitos ou categorias são considerados fixos, definidos e distintos.

C. A terceira etapa da dialética envolve uma nova categoria, superior, que abarca as anteriores e dissolve as contradições nelas envolvidas.

D. A dialética não é apenas uma característica de conceitos, mas se aplica também a coisas e processos reais.

7. (UECE) A perspectiva teórica política clássica de John Locke (1632-1704) aponta que antes da formação do “contrato social” e do Estado, os seres humanos viviam em um “estado de natureza” com uma relativa paz, mas cada indivíduo não estava livre de inconveniências como o da violação de sua propriedade privada e, assim, de sua vida, de sua liberdade e de seus bens. Daí a propriedade privada, para Locke, já existia assim nesse hipotético “estado de natureza” anterior à formação das sociedades e é, neste sentido, um “direito natural” de todo indivíduo que nasce livre e não pode ser violado pelo Estado ou por outros. Em termos gerais, Locke é um dos pensadores contratualistas que fundamentaram o individualismo liberal ou o liberalismo político do século XVII. Concepção liberal que, ainda nos tempos atuais, reverbera em debates sobre as melhores orientações para o governo das sociedades contemporâneas, defendendo tanto as liberdades individuais como a livre economia.

Acerca dessa concepção liberal, assinale a afirmação verdadeira.

A. A passagem de um estado de natureza para o convívio em um Estado tem a finalidade de preservação da propriedade privada e das liberdades.

→ A partir da teoria política de Locke, o contrato social que funda o Estado tem por objetivo proteger as liberdades individuais e o direito à propriedade, pois, segundo o autor, este não seria um direito concedido pelo Estado mas sim um direito anterior ao mesmo, concedido por Deus ou a natureza.

B. O pensamento do liberalismo político defende que todos os indivíduos devem ser liberais na economia e conservadores nos costumes.

C. Os liberais possuem um enorme desprazer no convívio com outros quando não existe um poder soberano para manter todos em respeito.

D. O pensamento liberal defende que não é a força do Estado que importa para a vida em sociedade, mas a força da tradição e da ordem natural.

8. (Enem 2016) Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã a sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdada: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações.

SCHOPENHAUER, A. Aforismo para a sabedoria da vida. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O trecho destaca uma ideia remanescente de uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual a felicidade se mostra indissociavelmente ligada à

A. Consagração de relacionamentos afetivos.

B. Administração da independência interior.

→ Schopenhauer compreende que acessamos o mundo através de duas formas: 1) a Vontade e 2) Representação. A Vontade é uma força que atua em toda matéria, no

mundo e em nós mesmos (a Vontade é o nome que damos para a metafísica schopenhaueriana). Ela está dentro de nós e modifica o mundo através de nossas ações, como pegar uma maçã ou apertar as mãos de alguém (Vontade objetivada), e se manifesta em nossos desejos. A representação diz respeito a forma como nossa razão compreende o mundo, isto é: vemos as coisas e elas surgem em nossa consciência como uma representação. O primeiro acesso ao mundo, que é através do corpo, é direto. O segundo, que é a representação, é indireto. Entretanto, a Vontade, por se tratar de uma força que rege a realidade, é dinâmica e eterna – **portanto é insaciável, e nesse sentido só gera aos seres humanos sofrimento**, pois “precisa de mais e mais”. Para que nós consigamos ter controle da vontade, Schopenhauer diz que precisamos nos abster dela, negando-a, e isso só é possível através do controle interno, em que a razão nega e anula a Vontade – é possível compreender que somente é possível ser feliz se esta vontade é colocada em suspensão.

Portanto, para Schopenhauer, somente uma administração interior, que ssesse a Vontade, pode dar felicidade ao homem. O filósofo dizia que o budismo é um tipo de forma de anulação da vontade – por negar os prazeres (negando a Vontade), o monge budista atingia a felicidade. Isso vale para a música (que suspende a Vontade através da estética) e para o ascetismo (negação dos prazeres).

C. Fugacidade do conhecimento empírico.

D. Liberdade de expressão religiosa.

E. Busca de prazeres efêmeros.

9. (UFPR) Ampliando suas investigações para além de suas capacidades, e deixando seus pensamentos vagarem em profundezas, a tal ponto de lhes faltar apoio seguro para o pé, não é de admirar que os homens levantem questões e multipliquem disputas acerca de assuntos insolúveis, servindo apenas para prolongar e aumentar suas dúvidas, e para confirmá-los ao fim num perfeito ceticismo.

(LOCKE. Ensaio acerca do entendimento humano. Trad. Anoar Aiex. Coleção Os Pensadores, vol. XVIII. São Paulo: Victor Civita, 1973, introdução, p. 147.)

Considerando a passagem acima e a obra de que foi extraída, segundo Locke, os homens tornam-se céticos porque:

Comentário: Locke é um empirista. Nesse sentido, ele defende a produção do conhecimento a partir da experiência.

A. São capazes de obter apenas um conhecimento provável acerca das coisas.

→ Falso. Os homens podem obter um conhecimento mais seguro, não somente um conhecimento provável das coisas.

B. Não limitam suas investigações ao que é possível conhecer.

C. Dependem da experiência sensível para conhecer, sendo essa experiência enganosa.

→ Falso. A experiência sensível nem sempre enganosa.

D. Não são capazes de encontrar um apoio seguro para os seus pensamentos.

→ Falso. Os homens podem encontrar um apoio seguro para os seus pensamentos, a partir da experiência.

E. Encontram prazer na mera disputa.

10. (Enem Digital 2020) O fim último, causa final e desígnio dos homens, ao introduzir uma restrição sobre si mesmos sob a qual os vemos viver nos Estados, é o cuidado com sua própria conservação e com uma vida mais satisfeita; quer dizer, o desejo de sair da mísera condição de guerra que é a consequência necessária das paixões naturais dos homens, como o orgulho, a vingança e coisas semelhantes. É necessário um poder visível capaz de mantê-los em respeito, forçando-os, por medo do castigo, ao cumprimento de seus pactos e ao respeito às leis, que são contrárias a nossas paixões naturais.

HOBBS, T. M. *Leviatã*. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (adaptado).

Para o autor, o surgimento do estado civil estabelece as condições para o ser humano

A. Internalizar os princípios morais, objetivando a satisfação da vontade individual.

B. Aderir à organização política, almejando o estabelecimento do despotismo.

C. Aprofundar sua religiosidade, contribuindo para o fortalecimento da Igreja.

D. Assegurar o exercício do poder, com o resgate da sua autonomia.

E. Obter a situação de paz, com a garantia legal do seu bem-estar.

→ Hobbes argumenta que no estado de natureza imperam as paixões humanas, conduzindo o gênero humano ao conflito e ao constante temor da morte violenta. Em tal estado, não é possível qualquer forma de ordenamento social, produção ou mesmo paz, ocasionando em um constante temor da morte violenta, uma vez que não há moralidade ou mesmo justiça. Nos diz Hobbes que todos são capazes de matar, até mesmo o mais fraco dos seres humanos, e que de tudo tem direito para manter seus pertences e para assegurar suas vidas. Deste modo, qualquer pessoa não poderia, de forma alguma, rejeitar o pacto que leva ao contrato social, aquilo que conduz a humanidade ao estado civil. O estado civil envolve a renúncia das paixões egoístas em favor da racionalidade, e os contratantes transferem seus direitos ao soberano. Sendo assim, o contrato social é aquilo que possibilita que se encontre a paz e o bem-estar dos súditos.

11. (UFU) Quando olhamos em torno de nós na direção dos objetos externos e consideramos a ação das causas, não somos jamais capazes, a partir de um único caso, de descobrir algum poder ou conexão necessária, alguma qualidade que ligue o efeito à causa e torne um a consequência infalível do outro como, por exemplo, o impulso de uma bola de bilhar é acompanhado pelo movimento da segunda. Eis tudo o que se manifesta aos sentidos externos.

HUME, David. Investigação acerca do entendimento humano. In: Os Pensadores. Tradução: ALEX, A. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 76.

Considerando-se o excerto acima, segundo Hume, o que permite que o entendimento humano seja alcançado é a suposição de que as causas e os efeitos dos acontecimentos sejam conhecidos.

Nesse sentido, é correto afirmar que esse conhecimento é consequência

A. Da razão.

B. Da causa.

C. Do efeito.

D. Do hábito.

→ O que ele quer dizer é que nossas expectativas não se baseiam na razão, mas sim nos hábitos, costumes e na repetição. Portanto, toda ciência é apenas um produto da indução, e não há uma certeza absoluta por trás dela.

12. (UFU 2016) "O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada."

HUME, D. Investigação acerca do entendimento humano. Tradução de Anoar Alex. In: BERKELY, G.; HUME, D. Berkeley, Hume. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. 55-145. p. 69. Coleção Os Pensadores.

A frase de Hume sintetiza uma tese da sua teoria do conhecimento. A posição sustentada pelo filósofo

Alternativas

A. somente reafirma o realismo de John Locke, que considera unicamente a experiência como fundamento da autonomia do entendimento.

→ Incorreto, pois a experiência não é o único fundamento para o entendimento.

B. adere ao cartesianismo, para dizer que as representações da razão sempre são anteriores à experiência sensível e critério de verdade desta.

→ Incorreto, pois a frase em questão adere ao empirismo, não ao cartesianismo.

C. afirma a precedência da impressão sensível para a produção de ideias, com as quais o entendimento humano alcança a sua autonomia.

D. defende a noção de causalidade como o fundamento absoluto para o conhecimento humano nos limites da reta razão.

→ Incorreta, pois “Segundo Hume, não existe conexão causal, e sim uma sequência temporal de eventos, a qual pode ser analisada” (TODA MATÉRIA).

13. (UFPR) A respeito do iluminismo, movimento filosófico que se difundiu pela Europa ao longo do século XVIII, considere as seguintes afirmativas:

I. Muitos filósofos franceses, entre eles Montesquieu, Voltaire e Diderot, foram leitores, admiradores e divulgadores da filosofia política produzida pelos ingleses, como John Locke com sua crítica ao absolutismo.

II. Quanto à organização do Estado, os filósofos iluministas não eram contra a monarquia, mas contra as ideias de que o poder monárquico fora constituído pelo direito divino e de que ele não poderia ser submetido a nenhum freio.

III. A descoberta da perspectiva e a valorização de temas religiosos marcaram as expressões artísticas durante o iluminismo.

IV. Em Portugal, o pensamento iluminista recebeu grande impulso das descobertas marítimas.

Assinale a alternativa correta:

A. Somente a afirmativa I é verdadeira.

→ Incorreta, pois a II também é verdadeira.

B. Somente as afirmativas I e II são verdadeiras.

C. Somente as afirmativas I, II e IV são verdadeiras.

→ Incorreta, pois o Iluminismo não teve boa recepção em Portugal, que passava pela Contrarreforma logo após as descobertas marítimas.

D. Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.

→ Incorreta, pois a perspectiva nas artes foi descoberta na Europa durante o Renascimento. Além do mais, o Iluminismo não valorizava temas religiosos.

E. Somente as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.

14. (F. de Medicina de Jundiaí) É necessário termos presente não só o progresso técnico como também o clima geral da economia, no qual surgem os primeiros sinais da "revolução industrial": longo período de expansão que tem o seu início cerca de 1730, primeiro no domínio agrícola (progresso econômico e acréscimo da produção que permitem alimentar uma população mais numerosa), conjuntura favorável ao lucro e as atividades manufatureiras, crescimento das cidades e dos portos, poderio dos armadores e dos negociantes, dos quais Voltaire faz o panegírico nas suas Cartas Inglesas: "O comércio, que enriqueceu os cidadãos na Inglaterra, contribuiu para os tornar livres, e essa liberdade deu por sua vez maior expansão ao comércio; daí se formou o poderio do Estado."

(Jean Touchard (org.). História das ideias políticas, 1970. Adaptado.)

No contexto apresentado, Voltaire

- A. Sustenta a necessidade fundamental de a sociedade organizar-se de forma estamental.
- B. Argumenta que a excessiva liberdade econômica pode gerar nas nações tirania política.
- C. Denuncia a insustentabilidade das práticas econômicas essenciais sem a tutela estatal.

D. Entende o desenvolvimento do comércio como causa e consequência da liberdade dos cidadãos. E. Apoia as monarquias absolutistas europeias fundadas no direito divino dos reis.

→ Voltaire vê o comércio como tanto causa quanto consequência da liberdade dos cidadãos. Nas Cartas Inglesas, o autor elogia o papel do comércio na Inglaterra, argumentando que ele contribuiu para enriquecer os cidadãos, o que, por sua vez, fomentou a liberdade. Essa liberdade, de acordo com Voltaire, incentivou ainda mais o comércio, criando um ciclo que fortaleceu o poder do Estado.

15. (UNESP) Do nascimento do Estado moderno até a Revolução Francesa, ou seja, do século XVI aos fins do século XVIII, a filosofia política foi obrigada a reformular grande parte de suas teses, devido às mudanças ocorridas naquele período. O que se buscou na modernidade iluminista foi fortalecer a filosofia em uma configuração contrária aos dogmas políticos que reforçavam a crença em uma autoridade divina.

(Thiago Rodrigo Nappi. "Tradição e inovação na teoria das formas de governo: Montesquieu e a ideia de despotismo". In: *Historiæ*, vol. 3, no 3, 2012. Adaptado.)

O filósofo iluminista Montesquieu, autor de *Do espírito das leis*, criticou o absolutismo e propôs

A. A divisão dos poderes em executivo, legislativo e judiciário.

→ Em sua obra "*Do Espírito das Leis*", Montesquieu propôs a divisão dos poderes como uma forma de evitar o absolutismo e garantir a liberdade dos cidadãos. Ele defendeu que o poder deve ser dividido em três ramos: o executivo, o legislativo e o judiciário,

cada um com funções específicas e independentes, para que possam se equilibrar e controlar mutuamente.

- B. A restauração de critérios metafísicos para a escolha de governantes.
 - C. A justificativa do despotismo em nome da paz social.
 - D. A obediência às leis costumeiras de origem feudal.
 - E. A retirada do poder político do povo.
-

16. (UNESP) Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral, e recebemos, enquanto corpo, cada membro como parte indivisível do todo. [...] um corpo moral e coletivo, composto de tantos membros quantos são os votos da assembleia [...]. Essa pessoa pública, que se forma, desse modo, pela união de todas as outras, tomava antigamente o nome de cidade e, hoje, o de república ou de corpo político, o qual é chamado por seus membros de Estado [...].

(Jean-Jacques Rousseau. Os pensadores, 1983.)

O texto, produzido no âmbito do Iluminismo francês, apresenta a doutrina política do

- A. Coletivismo, manifesto na rejeição da propriedade privada e na defesa dos programas socialistas de estatização.
- B. Humanismo, presente no projeto liberal de valorizar o indivíduo e sua realização no trabalho.
- C. Socialismo, presente na crítica ao absolutismo monárquico e na defesa da completa igualdade socioeconômica.
- D. Corporativismo, presente na proposta fascista de unir o povo em torno da identidade e da vontade nacional.
- E. Contratualismo, manifesto na reação ao Antigo Regime e na defesa dos direitos de cidadania.

→ O texto apresentado descreve a ideia de um contrato social, onde os indivíduos se unem para formar um corpo político ou Estado, regido pela "vontade geral". Essa concepção está alinhada com a doutrina do contratualismo, especialmente como exposta por Jean-Jacques Rousseau no contexto do Iluminismo francês. Rousseau argumentava que a sociedade civil é formada através de um contrato social em que os indivíduos renunciam a parte de sua liberdade em troca da proteção e garantia de seus direitos, formando uma comunidade política. Essa doutrina se opõe ao Absolutismo monárquico e promove a ideia de direitos de cidadania, características centrais do contratualismo e da filosofia política iluminista.

17. (UEL-PR) “[O indivíduo], orientando sua atividade de tal maneira que sua produção possa ser de maior valor, visa apenas o seu próprio ganho e, neste, como em muitos outros casos, é levado como que por uma mão invisível a promover um objetivo que não fazia parte de suas intenções. (...) Ao perseguir seus próprios interesses, o indivíduo muitas vezes promove o interesse da sociedade muito mais eficazmente do que quando tenciona realmente promovê-lo.

(SMITH, A. A riqueza das nações. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 379-380).

Sobre o liberalismo, considere as seguintes afirmativas:

I- O liberalismo econômico, cujos princípios, como o livre comércio, a propriedade privada e a lei de mercado, favoreceram o desenvolvimento do capitalismo, teve em Adam Smith um de seus principais fundadores.

II- A sistematização das análises econômicas no livro História da riqueza das nações contribuiu para a definição da economia como ciência.

III- No trecho acima, Adam Smith denunciou os males do individualismo e do egoísmo econômico.

IV- A “mão invisível” citada por Adam Smith é uma metáfora que pode ser substituída pela definição liberal de mercado.

Assinale a alternativa correta.

A. Apenas as afirmativas I, II e III são verdadeiras.

B. Apenas as afirmativas I, II e IV são verdadeiras.

→ I. Verdadeira: Adam Smith é considerado um dos principais fundadores do liberalismo econômico. Ele defendeu princípios como o livre comércio, a propriedade privada e a lei de mercado, que são pilares do desenvolvimento do capitalismo.

II. Verdadeira: a obra "A Riqueza das Nações" (não "História da riqueza das nações") de Adam Smith foi fundamental para a sistematização das análises econômicas e contribuiu para o estabelecimento da economia como uma ciência.

III. Falsa: no trecho citado, Adam Smith não denuncia os males do individualismo e do egoísmo econômico. Pelo contrário, ele argumenta que, ao buscar seus próprios interesses, o indivíduo acaba promovendo, de maneira indireta e involuntária, o bem-estar da sociedade. Isso está longe de ser uma denúncia; é uma defesa do sistema econômico baseado no interesse próprio.

IV. Verdadeira: a "mão invisível" é uma metáfora usada por Adam Smith para descrever como as ações individuais motivadas pelo interesse próprio podem, de forma indireta, promover o bem-estar social através dos mecanismos de mercado. Essa metáfora é frequentemente associada à definição liberal de mercado.

C. Apenas as afirmativas II e III são verdadeiras.

D. Apenas as afirmativas I e IV são verdadeiras.

E. Todas as afirmativas são verdadeiras.

18. (UFT) Conhecemos somente o nosso modo de perceber a natureza dos objetos em si mesmos, modo que nos é peculiar, mas pode muito bem não ser necessariamente o de todos os seres, embora seja o de todos os homens. É deste modo apenas que nos temos de ocupar. O espaço e o tempo são as formas desse modo de perceber; a sensação em geral é a sua matéria.

Fonte: KANT, I. Crítica da razão pura. Lisboa: Calouste, 2013, p. 79.

O trecho ilustra alguns aspectos da teoria kantiana do conhecimento. Sobre esta mesma teoria, assinale a opção CORRETA.

A. Os progressos da experiência (e da ciência moderna) nos permitirão ultrapassar os seus limites; desta forma, o nosso conhecimento vencerá a distância que nos separa das coisas.

B. Entre o sensível e o inteligível há uma diferença apenas de grau, isto é, de antemão nada nos impede de passar de um ao outro pelo aprofundamento dos nossos conhecimentos.

C. O fenômeno é a coisa como esta nos aparece, cumpre então lembrar que Kant pensa, sobretudo, na estrutura do aparelho sensorial e no seu valor geral para todo sentido humano.

D. Há, pode-se dizer, um relativismo kantiano, mas diferente, por exemplo, do de Protágoras, pois, em Kant, a nossa intuição do objeto depende da constituição geral da sensibilidade.

→ Kant não defende o relativismo de Protágoras, mas enfatiza que nossa percepção dos objetos é condicionada pelas formas a priori do espaço e do tempo, que são estruturas mentais. Embora valorize a experiência, Kant argumenta que o conhecimento é limitado pela forma como nossa sensibilidade e intelecto processam as informações, o que impõe restrições à compreensão dos objetos em si.

19. (UEL) Leia o texto a seguir.

Dever é a necessidade de uma ação por respeito à lei. [...] devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne uma lei universal.

KANT, Immanuel. Fundamentação da Metafísica dos costumes. Trad. Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 208-209.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a teoria kantiana do dever, assinale a alternativa correta.

A. A máxima de uma ação moral universalizável pode ter como fundamento os efeitos da ação, sendo considerada moralmente boa uma ação cujos efeitos causam o bem.

B. A obrigação incondicional que a lei moral impõe advém do reconhecimento da possibilidade de universalização das máximas da ação.

→ Para Kant, a universalização da máxima da ação é o fundamento da sua teoria moral. As máximas não possuem sua base na experiência, pois a ação independe das circunstâncias. Por isso, as ações não são determinadas pelos seus efeitos, mas pelo exercício da razão, que permitirá afirmar o imperativo categórico.

C. A mentira pode, em certas circunstâncias, ser legitimada moralmente quando dela resulta uma ação benéfica ou impede o prejuízo a outrem.

D. A máxima incondicional de uma ação moral pode ter como fundamento a experiência, pois os costumes fornecem elementos suficientes para ela.

E. O imperativo categórico, princípio dos imperativos do dever, escolhe, dentre os estímulos fornecidos à vontade, o que lhe é mais adequado.

20. (UFU) “Ao contrário das teorias contratualistas, a concepção hegeliana nega a anterioridade dos indivíduos, pois é o Estado que fundamenta a sociedade. Não é o indivíduo que escolhe o Estado, mas sim é por ele constituído. Ou seja, não existe o homem em estado de natureza, pois o homem é sempre um indivíduo social. O Estado sintetiza, numa realidade coletiva, a totalidade dos interesses contraditórios entre os indivíduos.”

ARANHA, M. L. A. e MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1993, p. 234.

De acordo com o texto, é correto afirmar que, para Hegel,

A. A liberdade, em estado de natureza, é a mais perfeita para as pessoas.

B. O Estado fundamenta a liberdade do soberano e não a dos indivíduos.

C. A liberdade dos indivíduos está condicionada à existência do Estado.

→ Analisemos a seguinte passagem do enunciado acima: “O Estado sintetiza, numa realidade coletiva, a totalidade dos interesses contraditórios entre os indivíduos.”

Hegel compreende que a realidade é composta por uma categoria essencial, que é a de **relação**. A relação é dada no todo, e dentro deste todo há opostos que vivem em conflito. Portanto, ao analisarmos o homem, notamos que sua constituição fundamental para que sobrevivesse e perseverasse no decorrer da história foi a

constituição do Estado. O Estado, de acordo com Hegel, cumpre a função do todo – e neste todo há o povo, em que cada indivíduo tem opiniões e vontades diferentes, portanto estão em conflito e oposição (conflito de autoconsciências). A única forma destas autoconsciências coexistirem entre si sem se eliminar, umas as outras, é mediante a existência de um todo regulador que “freia” o conflito, permitindo a perpetuação das consciências individuais. Sua perpetuação depende do todo, e por consequência sua liberdade também.

Podemos concluir que a liberdade dos indivíduos está condicionada à existência do Estado.

D. O Estado é resultado de um pacto estabelecido no estado de natureza.